

As “Minorias” nos Espaços de (Re) Existência**The “Minorities” in the Spaces of (Re) Existence**

DOI:10.34117/bjdv6n9-186

Recebimento dos originais: 08/08/2020

Aceitação para publicação: 09/09/2020

Valéria Soares Martins

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz

Instituição: Colégio Estadual Octacílio Manoel Gomes

Endereço: Av Vasco Neto, S/N - Centro, Ubaitaba – BA, Brasil

E-mail: valeriasmartins3@gmail.com

Jeanes Martins Larchert

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos

Instituição: Universidade Estadual de Santa Cruz

Endereço: Rodovia Jorge Amado, Km 16, Bairro Salobrinho, Ilhéus, Bahia

CEP: 45662-900

E-mail: jeanes@uesc.br

RESUMO

Este texto é fruto das análises das informações obtidas durante a pesquisa-ação realizada durante o Movimento Ocupa ocorrido entre os meses de outubro a dezembro de 2016. Trazemos para o momento atual o debate sobre o movimento estudantil Ocupa, para refletirmos sobre as situações de opressão vividas pelos jovens que participaram do movimento em um período conhecido como “Primavera Estudantil”. Como percurso metodológico trilhamos os procedimentos da pesquisa-ação referenciada por Thiollent (2000), o envolvimento participativo deu-se nas diversas atividades no/do Movimento, ao mesmo tempo que resolvíamos questões políticas e de relações interpessoais íamos (re) planejando as próximas ações. O público participante foi constituído por estudantes considerados ‘excluídos’ da elite acadêmica apelidados como indisciplinados, problemáticos, rebeldes, partidários a causas anarquistas. Articulados em coletivos chegaram com a pauta das opressões históricas sofrida, reivindicaram seus conteúdos de afirmação como cidadãos, estabeleceram novos parâmetros de convivência social sustentado na democracia participativa e exigiram da universidade o respeito as suas identidades. Ao final do movimento e da pesquisa concluímos que os Coletivos das minorias, devem continuar a produzir espaços de resistência criativa, espaços de vivências educacional, político e social, resultando em uma alternativa verdadeira para o campo da representativa.

Palavras-chave: Ensino superior, juventudes, resistência.

ABSTRACT

This text is the result of the analysis of the information obtained during the action research carried out during the Ocupa Movement that took place between the months of October and December 2016. We bring to the present moment the debate on the Ocupa student movement, to reflect on the situations of oppression experienced by young people who participated in the movement during a period known as "Student Spring. As a methodological path, we followed the procedures of the research-action referenced by Thiollent (2000), the participative involvement took place in the

various activities in/with the Movement, at the same time as we resolved political and interpersonal relations issues we were (re) planning the next actions. The participating public was made up of students considered 'excluded' from the academic elite, nicknamed as undisciplined, problematic, rebellious, partisans of anarchist causes. They were articulated in collectives that arrived with the agenda of the historical oppressions suffered, claimed their affirmation as citizens, established new parameters of social coexistence supported by participatory democracy, and demanded that the university respect their identities. At the end of the movement and the research, we concluded that the minority collectives must continue to produce spaces of creative resistance, spaces for educational, political and social experiences, resulting in a true alternative to the representative field.

Keywords: Higher education, youth, resistance.

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta parte dos conteúdos levantados na pesquisa que objetivou analisar os processos de resistência e as ações afirmativas na universidade durante o Movimento Ocupa ocorrido entre os meses de outubro a dezembro de 2016. Realizada com integrantes das ocupações na universidade e participante na escola secundarista da região, pode-se perceber que o Movimento foi marcada pelo debate e pautas contra as opressões políticas educacionais e sociais vividas pela juventude em todo país. Trazemos para análise o perfil das identidades dos participantes que protagonizaram o movimento nas instituições ocupadas, estes correspondem às chamadas "minorias". São mulheres e homens, negros e negras, coletivos LGBT e feministas que se articularam diariamente em defesa de uma educação de qualidade que atendesse as especificidades dos grupos excluídos, como garantia de acesso para aqueles/as que ainda não chegaram, e a permanência para os que ingressaram.

Entendemos que as ocupações foram parte de uma rede mais ampla de lutas secundaristas. Durante junho de 2013 estiveram nas ruas pessoas das mais diferentes opiniões, mas com uma presença forte da classe média que inicialmente, insatisfeitos com o aumento da tarifa dos ônibus, articularam-se por meio das redes sociais a fim de manifestar seus gritos contra uma série de negação de direitos. Não entraremos no debate sobre a (des) politização ocorrida a partir das jornadas de junho, pois o foco aqui é perceber que essa foi a movimentação mais ressentida, realizada massivamente pela juventude, que influenciou o Movimento Ocupa.

Em 2016 o movimento de ocupações assume um caráter mais próximo da realidade das classes menos favorecidas. São os/as filhos/as de trabalhadores/as que protagonizam a movimentação, com todas as suas intencionalidades e repudiando toda e qualquer negação de identidade e direitos.

Destacamos que diferentes de outras mobilizações não houve uma liderança partidária ou social que claramente dirigisse as manifestações e desse o direcionamento político das jornadas.

Os protestos sustentados pelos estudantes e suas agendas são amparados na acepção do que Galeano (2013) diz sobre a “utopia” ao afirmar que a mesma é o horizonte que nos faz permanecer em marcha e que se afasta a medida que acreditamos estar perto dela. Os estudantes militantes que lutam pela educação pública e de qualidade, direito civil golpeado por todos os lados, entendem que as ocupações transformaram e fortaleceram o horizonte e sua utopia. Propuseram uma nova forma de fazer política e agiram organizando-se em torno dos acampamentos, demonstrando o quanto é possível lutar coletivamente, resistir e conviver.

Grupos de estudantes organizados formaram os coletivos e movimentos independentes que passaram a debater, discutir e protestar contra as experiências escolares de dominação hegemônica. Os estudantes se movimentaram contra as forças regulatórias do cotidiano das instituições de ensino (LOPES, 2014), dos uniformes, das disciplinas, das regras da avaliação, da opressão dos/das lgfts. Cresceram os protestos em defesa dos direitos das minorias. Os coletivos se fortaleceram e estabeleceram relações horizontais denunciando opressões perpetradas no espaço escolar e universitário.

Assim, compreendemos que as lutas dos estudantes secundaristas e universitários produziram, no engessamento das escolas, espaços de contestação contra as discriminações de diversas ordens, tal qual o etarismo, o racismo, o classismo, o machismo, a LGBTfobia e outras formas de opressão que ferem a dignidade humana.

A dinâmica do Movimento foi marcada pelo exercício do diálogo, construtor de consensos e conflitos. A repetição de comportamentos conservadores que demarcam os espaços educacionais não foi aceita e o entendimento de que as retiradas dos direitos que foram duramente conquistados até aqui uniram os estudantes para além do nome da entidade que representam ou são representados.

2 O FAZER PESQUISA ENTRE NÓS

Compreendemos que a pesquisa exige uma postura crítica do observador - investigador, que analisa com absoluto respeito a maneira como as pessoas vivem e dão coerência às suas experiências. Portanto, a pesquisa partiu das nossas concepções, diferenças e base teórica no entendimento dos fenômenos manifestados que revelam a realidade social das pessoas, grupos e culturas. Como organização metodológica optamos pela pesquisa-ação, uma vez que tivemos as pesquisadoras inseridas na ação que moveu o Movimento, com destaque a pesquisadora que no período participava como membro estudantil do Diretório Central dos Estudantes, representando o

Coletivo Feminista Laudelina de Campos Melo, estava graduanda da Universidade Estadual de Santa Cruz e acompanhou o Movimento no Instituto Federal de Educação do Município de Ilhéus.

A dinâmica da pesquisa foi sendo realizada atendendo aos resultados da observação da ação, à medida que éramos impulsionadas para a reflexão, suscitava sempre o replanejamento das novas ações. A medida que o Movimento crescia a inserção nas diversas atividades ficavam mais intensas. Essa abordagem de pesquisa sustenta-se na concepção de conhecimento de Thiollent (2000, p. 84) para quem a produção do conhecimento tem

ênfase na construção social, a metodologia pode abranger tanto a pesquisa quanto a extensão, tanto o momento da produção como o da difusão, e isso em qualquer área de conhecimento, porém, com mais pertinência em áreas humanas aplicadas (educação, gestão, comunicação, serviço social, desenvolvimento local, tecnologia apropriada, etc.), isto é, em todas as áreas onde o conhecimento possa ser efetivamente mobilizado, orientado para analisar problemas reais e para buscar soluções, tendo em vista transformações úteis para a população (a curto ou médio prazo).

As atividades que possibilitaram a pesquisa – ação foram as reuniões dos Coletivos que a pesquisadora liderava; Rodas de Conversa com temas específicos recebendo diversos convidados como professores, artistas e representantes da direção da escola e da reitoria; palestras; eventos internos de extensão, documentários e teatro saraus com declamações de poesia.

3 AS MINORIAS NO EXERCÍCIO DE (RE) EXISTIR

O ano em que a democracia brasileira recebe um golpe disfarçado de impeachment também será lembrado com o ano de resistência da juventude estudantil frente os mais diferentes retrocessos que continuam a aparecer. São mulheres, negros e negras e lgbs que deram a linha política das ocupações, permanecendo na resistência frente ao autoritarismo e a violência do Estado e que durante o Movimento Ocupa assumem a defesa de um direito conquistado, pensando não somente em si, mas, sobretudo nos que estão por vir.

Os dados mostram que o público que sustentou o Movimento e acampou nas instituições de ensino foi constituído por estudantes tidos, pelo corpo escolar, como indisciplinados, problemáticos, rebeldes, partidários a causas anarquistas que, porém, se engajavam cumprindo as regras coletivas e participando, ativamente, das aulas promovidas durante o “ocupa”. Analisamos ainda que a ocupação diluiu as individualidades e reforçou a lógica coletiva por meio das assembleias, das aproximações entre os estudantes que antes se hostilizavam e agora diz “a gente quer saber como o outro está”.

As minorias estão em maioria nesse processo e isso pode e deve ser entendido como um reflexo histórico do processo de construção social do Brasil. Historicamente, esses indivíduos foram marginalizados por conta de suas identidades. A estrutura de uma sociedade capitalista baseia-se nas opressões de classe, gênero, cor e sexualidade, mas não de forma individual, essa estrutura se alimenta da intersecção entre as especificidades desses indivíduos como forma de criar e manter barreiras simbólicas (mas não só) para o avanço e a integração dos e das mesmas em nossa sociedade. (COLLINS, 2019)

A partir da inserção da política de ações afirmativas nos últimos 13 anos, é que as universidades começam a ter outra cara, com a entrada de pessoas negras dentro das instituições. Essas ações só foram implantadas por conta da articulação do movimento negro no país, que percebe a necessidade de incluir quadros políticos no governo e manter a pressão social de combate a desigualdade social e ao racismo estrutural (GOMES, 2007).

Mesmo com toda a dificuldade da inserção de negros e negras nas IES, esses indivíduos começam a ocupar os espaços institucionais e trazem consigo suas particularidades. Inicia-se então, um processo de fortalecimento das ditas minorias. Uma tomada de consciência, que começa com indivíduos da classe média e intelectual, mas que, aos poucos, alcança aqueles e aquelas que adentram a universidade, com outra perspectiva sobre a realidade.

O espaço acadêmico, outrora de extremo conservadorismo, passa a ser Ocupado por mulheres negras que ostentam seus cabelos crespos e lutam pela permanência feminina; por homens negros e gays afeminados que não se viam dentro dos muros das instituições de ensino superior, mas agora realizam “batekoo¹” dentro do espaço de convivência dos e das estudantes; por mulheres lésbicas que andam de mãos dadas, e demonstram afeto com suas parceiras em qualquer espaço onde apenas héteros faziam; por mulheres e homens trans que levam sua bandeira de equidade e direitos e pressionam as administrações superiores a enxergá-las. Articulam-se em coletivos de combate as opressões, coletivos de movimento estudantil, grupos de estudo e ocupam salas de aula e espaços de convivência impondo uma presença que não era aceita, e sempre foi silenciada.

4 CONCLUSÕES

O que vemos é que o discurso de empoderamento não se restringe apenas as instituições de ensino superior, mas está presente também na educação básica. Meninas e meninos estão cada vez mais assumindo suas sexualidades, suas identidades de gênero e suas identidades étnicas e lutando

¹ Surgida como uma festa despreziosa com foco na juventude negra e LGBT+ do Brasil. Atualmente configura-se também como um coletivo de produção cultural.

pela defesa dessas. É importante destacar o papel da internet nesse quesito, pois nos últimos anos foi e é através das redes sociais que encontramos uma representatividade maior de indivíduos que não tinham espaço na mídia hegemônica.

A apropriação do ciberespaço durante as ocupações teve papel fundamental no fortalecimento dessas identidades, juntamente com as pautas planejadas com objetivos voltados para a visibilidade desses grupos específicos. O trabalho de professores/as que acreditam numa educação progressista e colocam essas pautas no seu dia a dia, mesmo que os currículos não deliberem sobre, o trabalho dos movimentos sociais que atuam no dia a dia, também está presentes alimentando a cibercultura, é que auxilia esses jovens a conquistar ainda mais espaço.

Não nos enganemos achando que as mudanças e espaços conquistados são suficientes. Eles são apenas o começo. É preciso continuar lutando para que não haja retrocessos, para que continuemos afrontando o racismo, o machismo e a lgbtfofia, escancarando nossas identidades e sendo protagonistas das nossas lutas e escrevendo, nós mesmos, as nossas histórias e a do país, a fim de abrir caminhos para os que estão por vi depois de nós. Os Coletivos, as ocupações e os protestos devem produzir um novo espaço de resistências criativas, que inventam um espaço de vivências educacional, político e social, resultando em uma alternativa verdadeira para o campo da representativa e das minorias.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. Uma nova classe trabalhadora, 2013. Disponível em:< <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Uma-nova-classe-trabalhadora/4/28062> />. Acesso em: 15 de nov. 2016. REVISTA ENSINO SUPERIOR. <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/notas/mulheres-sao-maioria-com-nivel-superior-mas-homens-dominam-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 15 de nov. 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo Editorial, 2019.

GALEANO, Eduardo. Entrevista. Concedida ao Programa Singulares. Tv3 Espanhola. (Transcrição e tradução de Cainã Vidor, na Revista Fórum).

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (org). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.97-109.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 184 p.

THIOLLENT. Michel, ARAÚJO FILHO, Targino de, SOARES, Rosa Leonôra Salerno. (coord.) Metodologia e experiências em projetos de extensão. Niterói-RJ : EDUFF, 2000. 340 p.